



11º Encontro Internacional de Política Social
18º Encontro Nacional de Política Social
Tema: Entre o capital e a vida: questão social,
crise ambiental e resistências
Vitória, ES, Brasil, 18 a 20 de agosto de 2026

Eixo: Serviço Social: fundamentos, formação e trabalho

A experiência da tutoria no PET Serviço Social UFES: diálogos com Paulo Freire, bell hooks e Ângela Davis

Andréa Monteiro Dalton¹

Resumo: Este relato tem como objetivo socializar algumas reflexões acerca da experiência em curso na tutoria no Programa Educacional Tutorial (PET) Serviço Social UFES, compreendendo-a como uma dimensão constitutiva e ampliada da docência universitária. Para além dos fundamentos teóricos-metodológicos do Serviço Social, as formulações aqui expostas, ancora-se nas contribuições pedagógicas de Paulo Freire, bell hooks e Ângela Davis. Conclui-se que a tutoria, embora prenhe de desafios, reafirma um conjunto de possibilidades, sobretudo a do compromisso ético-político com um projeto de educação e universidade pública, crítica e socialmente referenciada, além de ser um espaço de formação para o próprio docente.

Palavras-chave: PET; Serviço Social; Tutoria; Docência Universitária.

Tutoring in the Social Work Education Tutorial Program (PET) UFES: A Report on Teaching Experience

Abstract: This report aims to share reflections on the teaching experience within the Social Work Education Tutorial Program (PET) at UFES, understanding it as a constitutive and expanded dimension of university teaching. Beyond the theoretical-methodological foundations of Social Work, the formulations presented here are anchored in the pedagogical contributions of Paulo Freire, bell hooks, and Angela Davis. It is concluded that tutoring, although fraught with challenges, reaffirms a set of possibilities, above all an ethical-political commitment to a project of public, critical, and socially referenced education and university.

Keywords: PET; Social Work; Tutoring; University Teaching.

I MARCO TEÓRICO

1.1 Serviço Social, docência universitária e a tutoria no PET

O Serviço Social é uma profissão regulamentada, que através da Lei 8.662/1993 passa a prever a docência universitária como atribuição privativa nos cursos de magistério superior. Essa previsão longe de ser uma mera questão legal é de fundamental importância para garantir a vinculação dos cursos ao Projeto Ético-Político da Profissão, ou seja, é a garantia para que a formação profissional seja

¹ Doutora em Serviço Social pela UFRJ; professora adjunta do Departamento de Serviço Social. E-mail: andrea.dalton@ufes.br.

conduzida por assistentes sociais que tenham identidade e compromisso ético-político com o projeto de formação, conforme as Diretrizes Curriculares de 1996 da ABEPSS. Nesse sentido o projeto de formação passa a ter as seguintes implicações:

[...] capacitação teórico-metodológica, ético-política e técnico-operativa para a: 1. Apreensão crítica do processo histórico como totalidade; 2. Investigação sobre a formação histórica e os processos sociais contemporâneos que conformam a sociedade brasileira, no sentido de apreender as particularidades da constituição e desenvolvimento do capitalismo e do Serviço Social no país; 3. Apreensão do significado social da profissão desvelando as possibilidades de ação contidas na realidade; 4. Apreensão das demandas - consolidadas e emergentes - postas ao Serviço Social via mercado de trabalho, visando formular respostas profissionais que potenciem o enfrentamento da questão social, considerando as novas articulações entre público e privado; 5. Exercício profissional cumprindo as competências e atribuições previstas na Legislação Profissional em vigor.

Diante dessas implicações, o docente passa a ocupar um lugar estratégico e orgânico com a materialização desse projeto de formação. Assumindo seu compromisso com a defesa dos princípios e valores do Projeto Ético-Político, além de ser a referência ética para os discentes.

Assumir essa tarefa em tempos de precarização total das condições de vida e de trabalho, é reafirmar que o docente é um trabalhador assalariado e um intelectual crítico que irá conduzir o processo de ensino e aprendizagem em um contexto contraditório. Dito assim, o docente não estará isento dos impactos provocados pela agudização das expressões da questão social, sobretudo no que se refere a mercantilização da vida.

Sob a perspectiva mercadológica, na Universidade neoliberal não apenas a pesquisa, mas também o ensino é visto como um produto ou serviço que tem um valor agregado. As atividades de ensino são concebidas a partir de um novo “senso comum pedagógico”. Essa noção de senso comum pedagógico é trabalhada por Fávero e Trevisol (2020), que identificam que os princípios mercadológicos alteram as práticas pedagógicas, currículos e a própria função social das Universidades, inclusive as públicas, que deixam de ser o espaço da formação crítica para focar na competência, produtividade, eficácia e rentabilidade. Veja-se como essa lógica mercadológica, ao transformar o ensino e a pesquisa em mercadorias, resultou em um processo de intensificação do trabalho docente e em uma precarização que se tornou sistemática. (Druck, Silva: 2025, pg. 6).

Nesse contexto de duros desafios à educação e a necessária materialização do projeto de formação profissional, o Programa Educacional Tutorial se constitui em um espaço de múltiplas possibilidades em contribuir para a realização da função social da universidade e também do fortalecimento do projeto de formação profissional nos

curso de Serviço Social. Nele é previsto a inserção de doze estudantes bolsistas que estejam devidamente matriculados no curso e um docente/tutor que pertença ao quadro efetivo dos cursos de Serviço Social.

O PET é o resultado de muitas mudanças ao longo do seu processo histórico. Criado em 1979 vinculado à CAPES (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior) à época chamado Programa Especial de Treinamento, e como o nome já revela, o seu objetivo era treinar. Em 1999 o programa passa a ser vinculado à Secretaria de Educação Superior. Essa premissa de treinamento muda a partir de uma ampla luta em defesa do programa que teve sua continuidade questionada no âmbito das universidades no governo FHC, nos anos 2000. Em 2004 a partir de muita luta e com muito envolvimento dos tutores houve uma reestruturação do programa, passa a ser identificado por Programa Educacional Tutorial e seu objetivo programa passa a ser:

A constituição de um grupo de alunos vinculado a um curso de graduação para desenvolver ações de ensino, pesquisa e extensão sob a orientação por um professor tutor visa oportunizar aos estudantes participantes a possibilidade de ampliar a gama de experiências em sua formação acadêmica e cidadã. Assim, o Programa de Educação Tutorial objetiva complementar a perspectiva convencional de educação escolar baseada, em geral, em um conjunto qualitativamente limitado de constituintes curriculares. Um grupo tutorial se caracteriza pela presença de um tutor com a missão de estimular a aprendizagem ativa dos seus membros, através de vivência, reflexões e discussões, num clima de informalidade e cooperação. O método tutorial permite o desenvolvimento de habilidades de resolução de problemas e pensamento crítico entre os bolsistas, em contraste com o ensino centrado principalmente na memorização passiva de fatos e informações, e oportuniza aos estudantes tornarem-se cada vez mais independentes em relação à administração de suas necessidades de aprendizagem. (MOB PET MEC pg. 6)

Desta forma, ao trazer a concepção de educação de forma ampla, onde o objetivo é contribuir para formar sujeitos críticos e éticos, e ainda ao alinhar esses objetivos ao tripé universitário, ensino, pesquisa e extensão, cumpre, assim, a defesa da função social da universidade socialmente referenciada. Destaca-se nesse cenário o papel da universidade no compromisso com o programa, garantindo as condições objetivas e estruturais de funcionamento, e o papel do docente tutor que, também, tem como tarefa conduzir e orientar o grupo no desenvolvimento das atividades. Ao propor tais objetivos o PET promove uma formação ampla em consonância com os projetos de

formação dos cursos, que no caso do serviço social será o de formar criticamente as pessoas bolsistas do programa, baseado na aprendizagem com autonomia, criticidade, responsabilidade e compromisso com o que defende o Projeto Profissional.

Em síntese, a tutoria do PET em um curso de Serviço Social é uma dimensão do trabalho docente que amplia as possibilidades do processo de ensino-aprendizagem. Ao se lançar no trabalho coletivo, cooperativo e autônomo, o tutor não apenas orienta os discentes, mas também, ao mesmo tempo, se desafia a aperfeiçoar e rever sua própria prática pedagógica e nesse sentido, é um espaço que contribui para a formação do docente/tutor.

II – RESULTADOS E CONCLUSÕES RELEVANTES

II.1 – Contribuições da pedagogia engajada ao ato de tutoriar

Ao assumir a tarefa de sistematizar a experiência docente na tutoria do PET Serviço Social nos afastamos da ideia de mero relato cronológico. A experiência aqui tratada segue o caminho metodológico ancorado em Jara (2012) que defende que a sistematização das experiências é o esforço reflexivo com embasamento crítico capaz de produzir o concreto vivido. Nesse esforço, buscamos dialogar com autores que trouxeram a compreensão de que a tutoria exige do docente um investimento intelectual capaz de ampliar seu repertório didático-pedagógico. Diferentemente da sala de aula convencional, a tutoria exige, além de rigoroso trato teórico e de direção do grupo, próprio da docência universitária, uma relação próxima, de cuidado e de horizontalidade. Se na sala de aula essa postura pode ser vista como facultativa, na tutoria essa exigência se impõe.

Essa postura cuidadosa e horizontal, contudo, é desafiadora para o docente no exercício da tutoria. Exatamente porque questões se colocam imediatamente: Como vou assegurar a direção do grupo sem uma postura firme? E quando pensamos em firmeza, pensamos quase que automaticamente em dureza e disciplina rígida. No trabalho docente, muitas vezes, nos deparamos com ausência de uma formação específica para o exercício do ofício. A cultura do ser docente universitário é passada

pelo cotidiano e pela experiência daqueles/as que passam a serem referenciais, e quase sempre, a seriedade e a firmeza no trato com os/as estudantes vinculam-se a métodos didáticos rígidos e tradicionais, ou seja, nos qualificamos para a docência muito mais no rigoroso trato teórico e pouco discutimos sobre o processo didático-pedagógico.

Em um levantamento sobre a produção do tema na área do Serviço Social encontramos muitos artigos e/ou teses e dissertações que tratam do trabalho docente em sua condição de trabalhador, suas condições de trabalho, a precarização e intensificação do mesmo, mas por outro lado, pouco ou quase nada encontram-se produções que refletem ou articulam aqueles aspectos ao processo didático-pedagógico. O que coloca esse debate nos cursos de Serviço Social em um campo ainda em aberto.

Freire (2021) nos ajuda a superar essa lacuna, haja vista que sua vasta produção cumpre a tarefa de pensarmos a essa relação didática-pedagógica no processo de ensino e aprendizagem. Afirmo o autor que,

A natureza formadora da docência, que não poderia reduzir-se ao puro processo técnico e mecânico de transferir conhecimentos, enfatiza a exigência ético-democrática do respeito, ao pensamento, aos gostos, aos receios, aos desejos, à curiosidade dos educandos. Respeito, contudo, que não pode eximir o educador, enquanto autoridade, de exercer o direito de ter o dever de estabelecer limites, de propor tarefas, de cobrar execução das mesmas. Limites sem os quais as liberdades correm o risco de perder-se em licenciosidade, da mesma forma como, sem limites, a autoridade se extravia e vira autoritarismo” (Freire, 2021:46).

Ao refletirmos sobre esses aspectos é nítida a intrínseca relação com o projeto de formação profissional, onde nas propostas existe uma determinada concepção de educação. Portanto, não é estranho aos docentes dos cursos de Serviço Social pensar na coerência entre o rigoroso trato teórico circunscrito no método do materialismo histórico dialético com o que propõe Freire acerca da postura pedagógica do docente.

Hooks (2013) em seu livro, *Ensinando a Transgredir*, relata as diversas tendências do trabalho docente, suas características, sobretudo sobre a subjetividade no exercício do trabalho. Do ponto de vista pedagógico ela formula um conjunto de reflexões que atestam que ser docente universitário é estar em um constante ir e vir de quem se é e de como se constrói. Afinal de contas, para além do docente e trabalhador, existe uma pessoa que tem vida, sonhos, questões, dores e delícias. E nesse processo, muitas vezes, o ambiente institucional não é propício e nem visto com bons olhos a

práticas pedagógicas transgressoras, que exponham essas dimensões. E o que a autora chama de transgressão? Práticas pedagógicas que buscam a relação dialógica e horizontal no processo de ensino-aprendizagem. Nesse sentido, ela afirma que:

O entusiasmo no ensino superior era visto como algo que poderia perturbar a atmosfera de seriedade considerada essencial para o processo de aprendizado. Entrar numa sala de aula de faculdade munida da vontade de partilhar o desejo de estimular o entusiasmo era um ato de transgressão. Não exigia somente que se cruzassem as fronteiras estabelecidas; não seria possível gerar o entusiasmo sem reconhecer plenamente que as práticas didáticas não poderiam ser regidas por um esquema fixo e absoluto. Os esquemas teriam de ser flexíveis, teriam de levar em conta a possibilidade de mudanças espontâneas de direção. (hooks, 2013: 17).

Assim, quando pensamos no PET e a sua horizontalidade, a transgressão proposta por hooks torna-se a espinha dorsal da prática tutorial. No contexto do Programa de Educação Tutorial em Serviço Social, a horizontalidade não deve ser confundida com a ausência de autoridade ou com a desorientação acadêmica, mas sim com a construção do aprendizado onde os saberes são compartilhados em prol do crescimento coletivo.

Para hooks, o reconhecimento da subjetividade e o estímulo ao entusiasmo, elementos que para tutoria é imperativo, são ferramentas de resistência. Na tutoria, a "firmeza" necessária à direção do grupo não precisa se manifestar pelo autoritarismo, mas pela presença engajada. Ser um tutor firme, sob essa ótica, é ser rigoroso na mediação do conhecimento sem anular a voz do petiane, garantindo que o espaço do grupo seja um território seguro para a dúvida, a crítica e a criação.

Essa perspectiva de hooks dialoga diretamente com a pedagogia da autonomia de Paulo Freire (1996). Se o PET Serviço Social busca romper com a lógica operacional e bancária da educação, o tutor precisa assumir que o aprender é um processo inacabado. Na tutoria, isso se materializa quando o docente se permite ser afetado pelas realidades trazidas pelos estudantes, transformando o planejamento das atividades de pesquisa e extensão em um exercício de escuta, acolhimento e construção de respostas coletivas. A horizontalidade, portanto, é o método pelo qual se combate a educação bancária dentro do programa, permitindo que a excelência acadêmica caminhe de mãos dadas com a democratização do saber.

Não pode haver caminho mais ético, mas verdadeiramente democrático do

que testemunhar aos educandos como pensamos, as razões por pensamos desta ou daquela forma, os nossos sonhos, os sonhos por que brigamos, mas ao mesmo tempo, dando-lhes provas concretas, irrefutáveis, de que respeitamos suas opções em oposição às nossas”. (Freire, 2021: 45).

Contudo, a horizontalidade e o entusiasmo pedagógico encontram seu sentido último na urgência política trazida por Ângela Davis (2018). A autora, problematiza que a liberdade não é algo dado, tão pouco passivo, mas sim, um princípio vivo e incessante de resistência coletiva.

No exercício da tutoria, isso ocorre na medida em que os sonhos e as subjetividades são acolhidas e que as mesmas não devem servir ao conformismo, mas sim à organização com ousadia. Ao compartilhar nossos sonhos e respeitarmos os caminhos dos petianes, com os devidos limites e orientações, criamos a base de confiança necessária para que o grupo PET se reconheça como uma unidade de luta. Neste sentido, nos conectamos não somente com as bandeiras de lutas do Serviço Social, mas também, com a organização das mesmas no campo de disputas do Pet. Seja nos eventos diversos e encontros do próprio programa o PET Serviço Social sempre se faz presente com propostas que coadunam com as demandas dos setores majoritários da classe trabalhadora na universidade em seus aspectos de classe, raça e gênero.

Em suma, a tutoria no PET Serviço Social, ao apropriar-se desses aportes, redefine a direção do grupo como um ato de cuidado intelectual. A transgressão hooksiana, o esperançar freireano e a radicalidade de Davis formam a tríade necessária para que o docente reafirme que o processo de ensino-aprendizagem é, antes de tudo, um encontro humano de construção mútua.

II.2 O planejamento, o acompanhamento sistemático e a avaliação no PET Serviço Social UFES como eixos fundamentais da tutoria como prática de liberdade.

Ao iniciarmos o trabalho de tutoria no PET Serviço Social UFES um grande desafio se colocou como urgente: era preciso organizar os processos como um todo, sobretudo no que se refere ao planejamento, acompanhamento e avaliação. Após um longo e desafiador processo de reorganização dos fluxos e da gestão coletiva do grupo, compreendemos que era necessário responsabilizar os sujeitos para que fosse possível realizar as atividades do grupo com autonomia e engajamento.

Nesse percurso, chegamos a saídas pedagógicas fundamentais: percebemos que o planejamento, o acompanhamento sistemático e avaliação só se tornam práticas da liberdade quando funcionam como espaços onde as individualidades fossem reveladas para que essa diversidade traduzisse as potencialidades do próprio grupo. Isso porque a identidade do PET é forjada pela diversidade de seus integrantes. Partimos, então, de interrogações fundamentais: quem são esses sujeitos? Com que sonham? Quais lutas e resistências carregam em suas trajetórias? Como conectam e se vinculam aos princípios e valores do Projeto Ético Político do Serviço Social? Como se veem no programa?

Portanto o ponto de partida para o planejamento foi conhecer esses sujeitos petianes e trazer suas características para o planejamento, seus interesses. Passando a conhecer melhor as/os estudantes, foi possível orientá-los a se envolverem em projetos de ensino, pesquisa e extensão como forma de potencializar habilidades e alinhar isso as suas pretensões profissionais.

Na medida em que as/os petianes foram se sentindo valorizados e ouvidos foi possível enxergar o entusiasmo e o engajamento no trabalho do grupo. Permitir e reconhecer as diversas existências no PET reivindicou um acompanhamento coerente com essa direção. Portanto, humanizar esse acompanhamento foi importante para validar que o discente que pesquisa e faz extensão é o mesmo que possui uma história de vida e atravessamentos sociais que não podem ser deixados na porta da universidade. Essa orientação pedagógica produziu impactos concretos na dinâmica do grupo: no plano individual, fomentou a subjetividade crítica e a autonomia intelectual de cada petiane; no âmbito coletivo, vem consolidando a organicidade, cooperação e a autonomia. Nessa perspectiva, a busca pela excelência acadêmica deixa de ser um fim em si mesma para se tornar um instrumento da formação humana, garantindo que o rigor intelectual seja indissociável do compromisso ético com os sujeitos.

Ao revelarmos os sujeitos, seus sonhos, suas lutas, trajetórias na esteira de Freire (2020), permitimos que a diversidade do grupo se expressasse em sua potência máxima.

No PET Serviço Social UFES, a diversidade não é apenas uma característica estatística e estética; ela é a expressão das múltiplas vivências de classe, raça, gênero e

território que compõem o corpo discente. Quando o planejamento e o acompanhamento sistemático acolhem essas particularidades, o coletivo deixa de ser uma massa uniforme e passa a ser uma unidade na diversidade. É esse movimento que garante que o projeto de formação não seja algo inflexível, mas um processo vivo, onde cada petiane imprime seus acúmulos, sua leitura de mundo nas atividades previstas.

Com base no planejamento que traçou o horizonte do grupo, o acompanhamento sistemático tornou-se o pilar para consolidar nossa direção, fortalecer a cooperação e fomentar as atividades. Para dar vida a essa estratégia, a tutoria promoveu encontros individuais com os bolsistas e instituiu reuniões coletivas quinzenais, batizadas de Círculos de Diálogos, que se tornaram espaços essenciais de troca e desenvolvimento conjunto.

A tarefa fundamental do educador e da educadora é uma tarefa libertadora. Não é para encorajar os objetivos e as aspirações e os sonhos a serem reproduzidos nos educandos, os alunos, mas para originar a possibilidade de que os estudantes se tornem donos de sua própria história. (Freire, 2020: 116)

É imperativo destacar que o acompanhamento sistemático exercido pela tutoria cumpre o objetivo estratégico de consolidar o PET como um espaço coletivo de resistência e amadurecimento. Para além de garantir o fortalecimento da formação acadêmica e viabilizar a permanência estudantil, dimensão fundamental frente ao atual cenário de desfinanciamento e precarização das universidades federais (DRUCK; SILVA, 2025), essa mediação fomenta o envolvimento orgânico nos projetos de ensino, pesquisa e extensão, assegurando a indissociabilidade desse tripé, transformando a vivência universitária em um processo de formação integral. Assim, o programa deixa de ser visto apenas um suporte financeiro para se tornar o lugar onde a/o estudante se reconheça como sujeito intelectual e político, apto a intervir criticamente na realidade. Desde modo, seguimos algumas premissas:

- 1) Buscar em cada bolsista o que os leva ao programa e como que as suas características e habilidades ajudam o grupo e vice-versa;
- 2) Partir da ideia do que ele sabe e construir o conhecimento juntas; nunca começar pelo o que ele não sabe ou tem dificuldade; desta forma, trazer as

dificuldades como algo a ser trabalhado e superado, com apoio e cooperação no próprio grupo;

- 3) Trazer a exigência, firmeza e os limites como elemento de respeito, responsabilidade e autonomia na busca pelo melhor desenvolvimento do trabalho coletivo;
- 4) Após esse trabalho individual, voltamo-nos ao trabalho coletivo, onde o objetivo é discutir e desenvolver as atividades de forma orgânica, qualificada e com pertencimento;
- 5) Por fim, o acompanhamento sistemático se refere também ao acompanhamento didático na formação e no estudo sobre as temáticas ligadas às atividades de ensino, pesquisa e extensão;

Nessa esteira, a avaliação é um outro ponto de desafios no cotidiano do Pet Serviço Social. Por vezes, esse momento de avaliação desencadeou conflitos no grupo, pela forma com que a avaliação era desenvolvida. Como estamos argumentando, a pedagogia engajada e a pedagogia da autonomia tratam esses aspectos com horizontalidade e práxis. Saber o que avaliar, como avaliar e o por que avaliar foram as questões norteadoras onde o grupo pode compreender qual seria o objetivo do grupo em avaliar. Passamos a compreender que a avaliação transcende a mera verificação de resultados para consolidar-se como um momento de reflexão sobre o trabalho desenvolvido, na busca por melhorias e pontos nevrálgicos. Ao adotarmos uma postura dialógica, a avaliação tornou-se um processo de aprendizado mútuo, onde a verticalidade do julgamento deu lugar à horizontalidade da crítica construtiva.

Essa dinâmica de escuta e devolutiva coletiva rompe com a lógica da vigilância punitiva, típica da gestão neoliberal para instaurar um espaço de aprendizado coletivo. O momento em que o formulário é aprimorado pelo grupo e, posteriormente, debatido em conjunto, materializa a convicção de que o conhecimento e o trabalho coletivo somente são possíveis se houver uma gestão verdadeiramente democrática. Ao transformar a avaliação em um momento em que não constranja os sujeitos, a tutoria permite que a dificuldade seja acolhida, fortalecendo os vínculos de solidariedade política e acadêmica.

Essa postura é corroborada por bell hooks (2013), que defende a educação como

uma prática de transgressão onde o entusiasmo e a força coletiva são fundamentais: onde para construir um ambiente propício ao aprendizado, é preciso que todos possam falar, sejam ouvidos e produzam sínteses. Nesse sentido, a avaliação dialógica no PET não é um mero procedimento burocratizado e frio: é a própria materialização da presença dos sujeitos no processo educativo. Portanto, a organicidade vem e fortalecendo através desse reconhecimento, onde a técnica da avaliação serve à política da emancipação, garantindo que o grupo permaneça coeso e combativo frente aos desafios da formação profissional no Serviço Social e do próprio programa.

Necessário dizer que o processo de construção da tutoria no PET Serviço Social, tem sido impotente para a formação docente. Estarmos inteiras e abertas a reconhecer, diagnosticar os desafios, enxergar as possibilidades e potencialidades e, a partir disso, construir respostas de forma crítica, afetuosa e coletiva, trouxe para a tutoria um aprendizado sobre aspectos políticos e pedagógicos bastante amplos, onde, a gestão pedagógica e democrática abriu a devida articulação com a horizontalidade. E isso, é critério fundamental para a defesa do projeto de universidade verdadeiramente popular e emancipatória.

II.3 Considerações finais

A trajetória percorrida neste relato evidencia que a tutoria no PET Serviço Social é uma das possibilidades de atuação docente no âmbito da universidade. E nesse aspecto esse trabalho transcende a mera execução de metas institucionais para consolidar-se como um exercício de uma tutoria crítica e engajada. Em um cenário de profunda precarização do trabalho docente e desfinanciamento das universidades federais o trabalho realizado no PET Serviço Social, e a construção de estratégias da tutoria, aqui descritas, não se limitaram ao ordenamento burocrático, mas à construção de uma organicidade baseada na defesa dos princípios e valores do projeto de formação profissional, bem como na defesa da universidade pública.

Os diálogos com Paulo Freire, bell hooks e Ângela Davis permitiram compreender que a pedagogia engajada com o exercício da liberdade, eleva a tutoria ao cumprimento ético e político das exigências do programa e dos fundamentos do

Serviço Social. Conclui-se que atuar na tutoria sob a égide do Projeto Ético-Político do Serviço Social exige a coragem de exercer a horizontalidade e a disciplina de sustentar uma práxis coletiva. Que esta experiência sirva como exemplo de que, mesmo com todos os desafios que a universidade enfrenta, é possível gestar uma formação profissional comprometida com a perspectiva dos direitos e com o horizonte emancipatório, reafirmando que a educação, assim como a liberdade, é uma luta constante que se faz no cotidiano.

Referências

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE ENSINO E PESQUISA EM SERVIÇO SOCIAL (ABEPSS). **Diretrizes Curriculares para o Curso de Serviço Social**. Rio de Janeiro: ABEPSS, 1996.

BRASIL. **Lei nº 8.662, de 7 de junho de 1993**. Dispõe sobre a profissão de Assistente Social e dá outras providências. Brasília, DF, 1993.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Superior. **Manual de Orientações Básicas do Programa de Educação Tutorial (PET)**. Brasília: MEC/SESu, 2006.

DAVIS, Angela. **A liberdade é uma luta constante**: Ferguson, Palestina e os fundamentos de um movimento. Tradução de Heci Regina Candiani. São Paulo: Boitempo, 2018.

DRUCK, Graça; SILVA, Selma. **A precarização do trabalho docente nas universidades federais**. Caderno CRH, Salvador, v. 38, p. 1-14, e025038, 2025. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.9771/ccrh.v38i0.65014>.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia dos sonhos possíveis**. Organização e notas de Ana Maria Araújo Freire. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2020.

_____. **Educação e liberdade**. Organização de Ana Maria Araújo Freire. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2021.

_____. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. 25. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996. (Coleção Leitura).

hooks, bell. **Ensinando a transgredir**: a educação como prática da liberdade. Tradução de Marcelo Brandão Cipolla. São Paulo: Martins Fontes, 2013.

JARA, Oscar. **A sistematização de experiências**: prática e teoria. Brasília: MDA, 2012